

Incerteza marcará bolsa no segundo semestre

Analistas projetam alternância entre dias de altas significativas e quedas expressivas por conta do período eleitoral

Guilherme Daroit

daroit@jornaldocomercio.com.br

A primeira metade de 2018 não foi das melhores para o mercado de capitais no Brasil. Mesmo abrindo o ano com bons desempenhos, a valorização dos papéis se derreteu até o fim de junho, quando o Ibovespa, índice que reúne as principais ações vendidas na bolsa brasileira, acumulava queda de 4,76%. Parte do terreno vem sendo recuperado em julho (a alta no mês, até a sexta-feira passada, é de 5,27%), mas as perspectivas para o resto do ano são incertas. O motivo é o período eleitoral que, para analistas, determinará o futuro da bolsa - e a deixará bastante instável.

“Quem tem mais perfil de renda fixa e entrar agora na bolsa pensando em curto prazo, acho que não vai ter estômago para isso”, argumenta o analista-chefe da Geral Investimentos, Carlos Müller. O cenário mais provável, projeta, é o de dias com altas significativas alternados com quedas expressivas, pouco confortável a quem não é acostumado ao risco.

O determinante é a proximidade

das eleições, prato cheio para especulações. Mesmo que presente nas expectativas do mercado há mais tempo, agora é que o quadro começará a se desenhar de verdade, primeiro com a definição dos candidatos até meados de agosto, depois com a campanha e o pleito em si. Sempre em busca de antever os resultados, investidores tendem a reagir a qualquer sinal, seja pesquisa, seja declarações dos candidatos à presidência.

“A bolsa pode reagir bem se os candidatos vistos como pró-mercado despontarem, pode ter um rali. Mas o contrário também é verdadeiro, e pode cair bastante”, acrescenta Valter Bianchi Filho, diretor de investimentos da Fundamenta. A preferência dos investidores, segundo ele, é por quem defenda a continuidade de processos de reforma, e movimentos que deem força a esses candidatos tendem a gerar alta nos preços dos papéis.

Fatores externos, a princípio, são vistos em segundo plano para o restante do ano. Associados à deterioração nas perspectivas de crescimento da economia com ápice na greve dos caminhoneiros,

guerra comercial entre Estados Unidos e China e a corrida contra moedas de países emergentes ajudaram a derrubar a bolsa em maio e junho. Para o segundo semestre, já não assustam tanto, pelo menos para os últimos meses. “Devemos ter ainda a persistência dos fatores externos negativos, com uma chance de melhora mais para a fase final do ano”, projeta Leandro Ruschel, sócio da L&S.

Novas altas dos juros nos EUA, por exemplo, já estariam precipitadas. “O mercado financeiro já trabalha com mais duas altas neste ano, já sabe dessa informação. O impacto mais forte será se isso mudar”, defende o diretor de renda variável da Monte Bravo, Bruno Madruga, argumentando que, se na prática ocorrer só uma elevação, o mercado brasileiro pode sofrer repercussões positivas. Bianchi acrescenta que a guerra comercial pode passar a jogar a favor do Brasil, caso a China substitua as suas importações dos EUA por produtos de outros países, como o nosso.

Mesmo assim, a sugestão é de cautela para quem tiver um perfil mais conservador, ou a busca por



Papéis acumulavam redução de 4,76% no valor até o mês de junho

fundos de investimento. Para quem é mais afeito ao risco, há oportunidades de valorização no médio e longo prazo. Uma das apostas recai sobre ações dos bancos, que puxaram a queda em maio e junho. “É um setor em que as ações recuaram muito forte nos últimos meses, e dificilmente terá uma mudança drástica nos fundamentos dessas empresas”, comenta o analista da Rico Investimentos, Roberto Indech, que vê a queda como “injustificada”.

Müller destaca que pode jogar

a favor da bolsa o fato de as ações estarem baratas ao investidor estrangeiro. O Ibovespa ainda está longe de sua máxima de 88 mil pontos em fevereiro, e a valorização do dólar ainda torna os papéis mais baratos na conversão. Bianchi lembra que muitos estrangeiros se desfizeram das ações após a saída de Pedro Parente da Petrobras. “Se entenderem que a política não vai interferir de novo, voltam em peso. Ainda é um ativo barato para o estrangeiro”, argumenta.

Dólar recua para R\$ 3,8497; Ibovespa sobe 0,97% no pregão

Na segunda semana consecutiva sem intervenção do Banco Central (BC) no mercado de câmbio, o dólar resiste a testar patamares mais baixos e vem oscilando na casa dos R\$ 3,80 a R\$ 3,90. Na sexta-feira, na ausência de notícias domésticas capazes de influenciar as cotações da moeda norte-americana aqui, a moeda seguiu basicamente o cenário externo, em dia marcado pelo aumento do risco por risco de países emergentes.

Com isso, o real teve o melhor desempenho ante o dólar hoje entre as principais moedas do mundo. O dólar à vista fechou em R\$ 3,8497, em baixa de 0,88%. Na semana, a queda acumulada foi de 0,43%.

O BC manteve a estratégia de outros dias e fez apenas o leilão diário de rolagem de contratos de swap (venda de dólar no mercado futuro), em operação que somou US\$ 700 milhões. Operadores relatam que com a maior disposição

a tomar risco de investidores externos, houve entrada de recursos no País. Uma captação externa da Cemig, de US\$ 500 milhões, precipitada ontem, também contribuiu para pressionar para baixo as cotações no câmbio. Foi a primeira emissão externa de uma empresa brasileira desde maio. A demanda pelos papéis chegou a US\$ 1 bilhão.

O Ibovespa fechou em alta de 0,97%, alcançando 76.594 pontos. Em um pregão de noticiário do-

méstico escasso, a influência das bolsas internacionais prevaleceu, com a contribuição da alta dos preços do petróleo e da queda do dólar ante o real. Os papéis do setor financeiro lideraram os ganhos, com destaque para Banco do Brasil ON (+2,54%), B3 ON (+3,30%) e Itaú Unibanco PN (+2,55%). No lado oposto, Eletrobras PNB fechou o dia em baixa de 0,66%, enquanto a ON da estatal de energia inverteu o viés e subiu 0,27% no final do pregão.



NÃO DEIXE A GRIPE CHEGAR ATÉ VOCÊ E SUA FAMÍLIA.

A PanVel oferece serviço de vacinação e já possui a vacina* tetravalente contra a gripe, disponível por R\$ 44,00.



Consulte as lojas que possuem o serviço em panvel.com/clinic ou ligue para 0800.51.1800

*Mediante apresentação de receita médica.